



O fazer comunicativo no processo de mediação pedagógica da EaD

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer¹

Francislanda Rodrigues Penha²

José Eduardo Mendonça Umbelino Filho³

Núbia da Cunha Simão⁴

Resumo

O presente artigo discute como a Educação a Distância (EaD) sob o prisma dos elementos comunicacionais. Busca-se desvelar o campo de intersecção e as influências que o fazer comunicativo exerce sobre as novas estruturas educacionais, nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). O artigo retrata a experiência de duas das autoras no curso de formação de tutores e orientadores acadêmicos para conduzir o curso de especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de Goiás ressaltando aspectos da mediação pedagógica em EaD.

Palavras-chave: comunicação, educação, mediação pedagógica

Introdução

Em que pese a atual efervescência do debate acerca da Educação a Distância, em grande parte suscitado pela crescente utilização dessa modalidade educacional, vários autores, a partir da história da EaD, demonstram o longo caminho percorrido por essa estratégia e metodologia de educação, bem como as mudanças e o aprimoramento pelos quais vem passando nesse percurso histórico. Pereira e Moraes (2009) mostram que essa modalidade de educação originou-se na Idade Média, viabilizada pela escrita. Posteriormente, a tecnologia tipográfica ampliou grandemente o alcance de EaD, seguida de várias outras estratégias significativas, a exemplo das redes de aprendizagem no rádio e televisão.

¹Doutora e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Especialista em Sociologia pela Universidade Federal de Uberlândia e Jornalista graduada na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. E-mail: anacarolina.temer@gmail.com

²Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Facomb/UFG (2008), Especialista em Políticas Públicas pela FCS/UFG (2010) e Mestranda em Comunicação pela UFG. Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Araguaia (FARA). Email: jornalistafranrodrigues@gmail.com

³Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Facomb/UFG (2009) e Mestrando em Comunicação pela UFG. E-mail: jemuf86@gmail.com

⁴Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Facomb/UFG (2007), graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Goiás – UEG (2006), Especialista em Gestão Pública pela UEG (2008) e Mestranda em Comunicação pela UFG. E-mail: nubiasimao@gmail.com. Atualmente é coordenadora do curso de Jornalismo da Faculdade Araguaia (FARA).



No campo da comunicação, os estudos de Bordenave exemplificam a utilização do rádio em grande escala como vetor para alfabetização de adultos no século XX. A evolução desse processo se baseia em aspectos tecnológicos, comunicacionais e pedagógicos. Com o advento do computador e, sobretudo, da internet e das novas Tecnologias de Informação e Comunicação se ampliaram ainda mais as possibilidades da EaD (p.67). Moraes (2002) enxerga nas TICs importantes aliadas nos processos de educação e formação de indivíduos críticos e autônomos, melhor preparados para a vida no século XXI:

Essas tecnologias também podem servir para o desenvolvimento de atividades que facilitem o desenvolvimento da autonomia, da solidariedade, da criatividade, da cooperação e da parceria, como ferramentas que permitem a criação de ambientes virtuais, onde também é possível vivenciar valores humanos superiores associados aos processos de construção do conhecimento (p.5).

Trata-se de um poder latente, capaz de interferir sobremaneira nas relações individuais e coletivas que as sociedades estabelecem com o conhecimento. Nessa perspectiva conceitual que reconhece o preponderante papel da comunicação nas novas estratégias pedagógicas, o presente trabalho se preocupa em melhor delimitar esse campo de intersecção e as influências que o fazer comunicativo exerce sobre as novas estruturas educacionais. A pesquisa se estabelece a partir de uma revisão bibliográfica, mas inclui também um caráter empírico, uma vez que destaca as experiências que parte dos autores⁵ vivenciaram em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) durante processo seletivo para Orientadores Acadêmicos de uma pós-graduação *Lato Sensu*. Ao permanecerem no AVA na condição de estudantes, as pesquisadoras do campo da Comunicação se depararam com nítidas intersecções e diálogos que urgem ser estabelecidos para a compreensão do papel da Comunicação mediante as novas configurações dos processos de ensino-aprendizagem. A essas vivências soma-se o necessário debate teórico acerca das demais transições que envolvem a Mídia na Modernidade.

Aspectos Históricos e Legais da EaD

A história da Educação a Distância nos remete a modelos distintos e a superações possibilitadas pelo advento de novas tecnologias e outras transformações. A

⁵Entre janeiro e março de 2011, as mestrandas Francislanda e Núbia participaram de um processo seletivo para Orientadores Acadêmicos da Especialização em Mídias na Educação (Faculdade de Educação da UFG). O curso ocorreu no AVA Moodle, no qual os candidatos a tutores e orientadores acadêmicos realizaram atividades na condição de alunos. As referidas autoras trazem para esta pesquisa as vivências obtidas enquanto estudantes na modalidade EaD.



primeira geração, que perdurou entre 1850 e 1960, ocorreu com comunicação escrita, a partir de cartas e postagens. Nessa época, a difusão do ensino superior na Europa, por exemplo, ocorreu por meio de institutos e faculdades que ofereciam cursos por correspondência. A segunda geração da EaD data de 1960 e 1985, marcada pelo rádio e teledifusão. Programas de educação via rádio e televisão foram de grande importância no Brasil, atuando, sobretudo, nas séries iniciais, na educação de jovens e adultos. Esse modelo de EaD contribuiu significativamente para a redução dos índices de analfabetismo naquele período.

O computador, a internet e as novas tecnologias de informação e comunicação possibilitaram o surgimento da terceira geração da EaD, que teve início por volta de 1985 e, nos nossos dias, ainda se apresenta como abordagem mais atual. Nessa modalidade, não apenas a tecnologia avança em comparação com as anteriores; também o processo pedagógico é mais rico, uma vez que, diferentemente do que ocorre nas duas primeiras gerações, com as TICs, o estudante não é tido como mero receptor. Gomes (2009) detalha um longo processo de regulamentação, no qual a EaD foi/é constantemente julgada como modalidade mais propensa a irregularidades. Ilha da fantasia, utopia e distopia são algumas das classificações comumente atribuídas ainda hoje à Educação a Distância, em que pese o crescimento do número de cursos e estudantes que se formam por meio dessa modalidade.

No Brasil, desde a década de 1970, existem iniciativas que procuram sistematizar e institucionalizar as experiências em EaD, contudo, sem que isto se consolidasse em aparatos mais consistentes baseados nesta modalidade. Conforme Gomes (2009), a Educação a Distância, que nasceu fora dos muros da educação formal e convencional tem enfrentado dificuldades para se estabelecer no âmbito legal e institucional. Em 2005, uma nova regulamentação substituiu a primeira, de 1998, que ampliou o espaço da EaD, à medida em que podem ser encarados como avanços tanto o reconhecimento do caráter de modalidade educacional, em coerência com a LDB, como as referências às TICs (Gomes, 2009, p. 22).

Atualmente, o espaço começa a se abrir, na medida em que o governo incentiva a formação de professores para atuarem nesse campo e, no âmbito subjetivo, ao passo que cada educador reavalia seu papel no processo de ensino-aprendizagem e vivencia a prática da EaD, cada vez mais respeitada e tida como legítima, inclusive sob aspectos legais. Há, ainda, muito a se pensar e fazer em torno dessa área. Os debates suscitados, mais que a operacionalidade das ferramentas de informação e comunicação nos



processos de ensino-aprendizagem, colocam em questão a formação do educador e as próprias concepções de educação e de comunicação que orientam os diferentes posicionamentos desses profissionais.

A mediação pedagógica e a formação do indivíduo

Escrita, Rádio, Televisão, Computador. Uma vez detectado que cada nova tecnologia de informação e comunicação inserida na educação a distância trouxe para o processo recursos e elementos que modificaram os limites da EaD e possibilitaram o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas nesse contexto, é preciso perceber que modificações essa evolução imprime sobre os resultados das práticas educativas e, em última instância, sobre o indivíduo e a sociedade que ele integra.

A interatividade entre alunos, conteúdos e professores é um dos principais avanços dessa mediação. Somadas a uma diretriz pedagógica em prol da autonomia dos estudantes e da construção coletiva do conhecimento (PEREIRA e MORAES, 2009, p. 71), essa gama de ferramentas multimidiáticas, síncronas ou assíncronas, que viabilizam a comunicação dialógica, inauguram como potencialidade um modelo de aprendizagem flexível inteligente (p. 75). É nesse sentido que autores que discutem os benefícios dessa mediação pedagógica defendem seu caráter colaborativo e democratizante.

Para Pereira e Moraes (2009, p.70), a educação no ciberespaço pode significar “o contínuo aperfeiçoamento do fazer, da ampliação da capacidade de transformar e criar – uma modalidade que pode ajudar a resolver as questões de demanda, tempo, espaço, qualidade, eficiência, eficácia”. Contudo, arraigados a modelos tradicionais e temerários das mudanças, que, inclusive, desconsideram a já consolidada trajetória da EaD, muitos profissionais da educação são reticentes em atentar para as possibilidades emancipatórias e reflexivas inauguradas com o advento da Educação em Rede. Em parte isso se explica pelo momento histórico no qual “os antigos modelos educacionais já não se sustentam, porém os novos estão em processo de constituição e construção” (p.82).

Em conformidade com a perspectiva que apresenta tecnologia como saber social objetivado e em função de demandas sociais, é possível pensar as tecnologias como mecanismos potencializadores das práticas pedagógicas. Tal processo exige, contudo, certas transformações, a exemplo de um novo modelo educacional. Diferentemente do paradigma conservador no qual o aluno é tratado como sujeito passivo e não preparado para o questionamento, a inserção das TICs na formação do indivíduo precisa ser respaldada por um modelo de mediação pedagógica que priorize a co-participação do estudante. Tal inserção tecnológica deve servir como suporte para a mediação didático-



pedagógica que, a distância e/ou presencialmente, esteja ancorada em estratégias para desconstrução do modelo comportamentalista na educação.

Em Bastos (2010, p. 296), vemos “a potencialidade da mediação tecnológica educacional para quebrar os pares transmissão-recepção, sequência-linearidade, entregue-recebido, entre outros”, o que projeta na prática educacional “dialogicidade-problematização, hipermídia-navegação, movimento-associação”. Essas inovações modificam principalmente a participação dos diferentes atores sociais envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem. Novas relações são estabelecidas entre profissionais da educação, estudantes e a forma como ambos lidam com a construção do conhecimento, mais livre e aberta. Essa educação não linear e que se estabelece a partir da convergência de mídias e não hierarquização parece representar modificações que vão além dos sistemas educativos. Belloni (S/D) corrobora a visão do avanço tecnológico como processo social que penetra e gera impactos em várias esferas da vida em sociedade. Mediante esse processo irreversível, a escola deve integrar as TICs para “atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando”.

O uso de computadores, internet, redes sociais, jogos eletrônicos, produções audiovisuais e demais recursos tecnológicos que se apresentam como desafios aos educadores, portanto, também se configura como estratégia democratizante, para uma garantir a um número mais amplo de indivíduos uma educação emancipatória, que vá além da antiga distribuição de informações e se torne mecanismo de construção de cidadania e conhecimento.

EaD, um campo de intersecções e diálogos

Convém lembrar Sodré (2009) na constatação de que a educação (e sua ética) sempre incorpora(m) as tecnologias e as transformações sócio-políticas de seu tempo. Não se trata, pois, de um campo isolado, retido e autossuficiente, mas de uma múltipla intersecção, possivelmente a maior delas. Outra compreensão que pode ser apreendida desse fato é a de que a educação, em seu sentido mais profundo, não sobreviverá de modo maquinal, sem que dela façam professor e aluno uma experiência conjunta, coletiva e viva.

Sodré recupera o termo grego *hexis* para denominar a “prática sem automatismo, uma ação que exprime a transformação, pelo agente, do ter em ser” (p. 84). Unindo a ele o caráter normativo e de busca do Bem contido no termo *ethos*, podem ser refletidos esses dois conceitos na ideia de uma educação universal. Pois bem, já que a educação se



adequa, ou deve se adequar, às circunstâncias histórico-sociais de seu tempo, o autor defende o surgimento de um novo paradigma – uma vez que a sociedade tem passado por grandes mudanças.

O que estamos buscando acentuar é que toda educação hoje nos obriga a levar em conta a mudança crucial na vida das sociedades em consequência de mudanças no modo de acumulação do capital e de relacionamento simbólico com o real, isto é, na cultura. A levar em conta, igualmente, o incremento extraordinário das funções de alocação de recursos e de inovações dos objetos comandados pela tecnologia e pelo mercado (SODRÉ, 2009, p. 91).

O novo paradigma defendido por Sodré explica uma sociedade que construiu para si um *bios virtual*, ou seja, um novo campo de existência pautado nas inova es tecnológicas e, dentro do qual, se desenvolvem e imperam novas regras (*ethos*) e novas identidades. A ideia se alinha   premissa de McLuhan (1969), para quem as novas tecnologias criam novas ambiências para o homem, espaços e situa es sociais nos quais ele reprocessa as tecnologias anteriores, adaptando-as e adaptando-se. Tal realidade tem modificado as rela es de trabalho, de política e de concep o própria dos indivíduos. Por tr s dessas e de outras modifica es, balançam algumas estruturas até então muito sólidas; a linearidade e a hierarquia entre docente e discente, por exemplo.

De modo resumido, Sodré entende que o modelo fordista de educa o, pautado num método tecnicista e privatista, não   mais suficiente ou adequado ao novo paradigma social. Esse paradigma reverteu as no es espaço-temporais, criou novas identidades e novos espaços, pulverizou o conhecimento e o revestiu de outros significados e, principalmente, desafiou os indivíduos e suas institui es a outras questões  ticas e morais. Pensando-se com o foco desse trabalho, essa   uma forma de se dizer que, independente do método ou das ferramentas educacionais utilizadas (e, de certo modo, por causa delas), o aluno  , na verdade, o que mais se modificou dentro da sala de aula. Por isso   importante pensar que a EaD traz em sua própria possibilidade a prova de que a sociedade mudou, e que não se pode usar novas ferramentas para transmitir velhas estruturas.

Se a educa o a distância hoje   uma realidade possível e dona de idiossincrasias e problemáticas próprias, Thompson (2008) destaca que o advento das novas m dias e tecnologias está de fato intimamente relacionado às mudanças por que passam todas as institui es modernas. Muito além da concep o mais óbvia, que estabelece modifica es para a Escola, isto  , local físico e conjunto prático de regras, pode-se dizer que mesmo a própria Educa o, em seu conceito, teoria e aplica o, já não   como antes; tampouco o são os alunos e seu modo de apreender o mundo.   nesse sentido que



esse trabalho levanta, ainda que brevemente, algumas reflexões sobre a problemática do choque entre tradição e tecnologia e sobre os valores na educação.

A ação a distância e o problema da tradição

Thompson (2001) enumera três formas principais de interação entre indivíduos. A interação face a face, ou imediata, é aquela que se dá em “contexto de co-presença”, tem “caráter dialógico” e conta com uma “multiplicidade de deixas simbólicas” (p. 75). Em outras palavras, ela ocorre quando os interlocutores se encontram no mesmo ambiente e tempo, compartilham da mesma situação e podem, por isso, enriquecer o diálogo através de inúmeros recursos simbólicos. Já a interação mediada possui as seguintes características: os contextos espaço-temporais são distintos, o caráter ainda é dialogal e a riqueza de deixas simbólicas é reduzida. As cartas, o telefone e certos recursos virtuais são bons exemplos de interação mediada.

Por fim, a quase-interação mediada realiza-se em contextos espaço-temporais distintos, com relativa abertura para deixas simbólicas (a depender do veículo) e, sua principal diferença, com a perda do caráter dialogal. Trata-se, portanto, de uma tipo de interação monológica, possível a partir da disseminação dos meios de comunicação em massa, que transmite mensagens a um número incontável de interlocutores e produz respostas não imediatas e por vezes de difícil relação. Cada uma dessas modalidades interativas apresenta contornos próprios e exige dos indivíduos condutas e capacidades específicas. Elas também criam contextos próprios e modificam as regras do jogo social, como se prova facilmente pela inclusão de meios como a TV e a Internet na malha sócio-histórico-cultural de nosso tempo.

Na equação educativa, o contexto e a resposta se tornam variáveis, o que origina a reflexão acerca de novos métodos e, até mesmo, faz necessária uma nova conceituação. Essas novas conjunturas fazem parte do amplo desafio proposto pelo choque entre uma educação tradicional, face a face, baseada em contextos relativamente parecidos e com respostas esperadas, e uma nova educação que, em sua vertente face a face, tem subvertido a velha hierarquia ao retirar dos docentes o papel de detentores do conhecimento, e em sua vertente mediada, tem proposto contatos culturais bastante inusitados.

A tradição deslocada

Thompson é contrário à ideia muito disseminada de que o desenvolvimento moderno destruiria o domínio da tradição na vida diária dos indivíduos. Para ele, essa visão se origina na maneira como os iluministas separavam seus antecessores, os



retrógrados e tradicionais, deles próprios, os inovadores e revolucionários. Para o autor, o que se vê não é o declínio da tradição, mas o surgimento de uma nova tradição, com novas ancoragens e características.

O declínio da autoridade tradicional e dos fundamentos tradicionais da ação não significa a morte da tradição, mas antes sinais de mudança na sua natureza e no seu papel, à medida que os indivíduos confiam mais e mais nas tradições mediadas e separadas de contextos compartilhados (p. 166).

Caso se entenda a tradição por seu sentido etimológico, ela se definiria como tudo aquilo que é transmitido do passado para o presente por determinado povo. Todo o conhecimento acumulado por uma civilização não constitui sua tradição, pois existe um vínculo muito estreito entre esse termo e o cotidiano. De certo modo, a tradição é um recorte prático do caudal de conhecimentos: aquilo que se ritualizou e se firmou como norma de conduta e convivência. Nesse sentido, em com o perdão do trocadilho, pode-se recorrer a uma já tradicional corrente da pedagogia que coloca em embate a tradição formal, representada pelo mestre, e a tradição cotidiana, conjunto de conhecimentos que o aluno já traz consigo.

Enquanto os sistemas iniciais de educação desconsideravam o conhecimento prévio do aluno, a hermenêutica recupera a noção de que adquirir conhecimento é um processo complexo que se inicia no conhecimento prévio dos indivíduos. Mas, se a tradição não é destruída pelos novos métodos de interação, o que se assiste é um desenraizamento e certa maleabilidade nas estruturas da tradição que podem representar grandes perspectivas e imensos desafios à educação. Uma coisa é, por exemplo, propiciar educação a distância para uma comunidade carente rural, cuja tradição é mantida há séculos e percebida mais ou menos bem pelos educadores. Outra coisa é ter ciência de que hoje, mesmo aqueles alunos da comunidade carente e rural já possuem acesso a outras culturas, outros modos de ver e não se portam tão somente como membros daquela comunidade, senão como integrantes de uma rede complexa de tradições deslocadas.

Finalmente, frisa-se que o caráter livre e maleável que possa aparentar a nova condição da sociedade não significa que, em algum momento, não haverá cristalização e enraizamento de conceitos. Pelo contrário, o mal estar que a incerteza causa tem exigido dos indivíduos e dos teóricos um posicionamento mais firme e a busca por estruturas de base. Novas estruturas, mais dinâmicas, mais sutis, mas ainda estruturas. É por isso que parece razoável o questionamento: o que, dentro da modernidade, permanece ou, pelo menos, deveria permanecer intacto?



A superação da distância na Educação em Rede

Em entrevista concedida à programa televisivo⁶, o professor José Manoel Moran apresenta um conceito fundamental: "quando se fala na distância nós estamos sempre falando na superação da distância e provocação de uma presença; educação é interação". A partir dessa premissa, cabe refletir sobre quanta presença, em seu mais amplo sentido, pode haver apesar da distância física. Nossa sociedade diariamente vivencia e alarga esses limites. As tecnologias fizeram uma fenda no espaço, redimensionaram nossas noções de tempo. O corpo virtualizado do qual trata Pierre Lévy talvez seja a maior expressão da preponderância dessas mudanças sobre a vida contemporânea.

O inverso também é possível. A presença é permeada de distâncias quando o 'outro' não é considerado como interlocutor cognoscente e integrante de um diálogo, mas apenas receptor passivo; quando não são considerados os contextos e vivências que o constituem, as representações, ferramentas e filtros com que ele enxerga a si mesmo e ao mundo que o circunda, as linguagens e códigos que ele usa para apreender a vida. Infelizmente, a educação formal e outras esferas das relações humanas estão cheias de exemplos. Desde as cartilhas e apostilas pré-moldadas para quaisquer grupos de estudantes, até a nova roupagem que essa velha prática educacional assume em tempos de globalização.

Há distância na presença quando não importa o outro, mas apenas se ele ofereceu a resposta certa numa questão de múltipla escolha, quando o que conta é o conteúdo decorado, independente de fazer sentido, de produzir um significado preponderante, de conectar-se de alguma forma à vida do indivíduo que o recebe. Distância e presença já não são conceitos que se encerram na materialidade de um corpo físico. Por isso, parece ainda mais preciso chamar de Educação em Rede esse processo de ensino-aprendizagem que busca conectar, integrar saberes e vozes, diminuir distâncias.

A questão dos valores

Ainda que tenhamos um vasto campo a desbravar no choque entre o paradigma da educação "tradicional" e da educação a distância, e ainda que os novos desafios metodológicos e as novas prerrogativas ocupem grande parte do tempo e do esforço intelectual de muitos, não parece despropositado voltar os olhos para a questão dos

⁶ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=pH1tsr069MM>



valores morais e de sua constância, independente dos novos meios, mecanismos, tecnologias e ideologias.

Por isso urge educar nesse tipo de valores [...] Porque aprendemos a ser cidadãos, assim como aprendemos quase tudo, e o fazemos não por força da lei e do castigo, e sim por gosto. Ajudar a cultivar as faculdades (intelectuais e sencientes) necessárias para apreciar os valores cidadãos é educar na cidadania local e universal (CORTINA, 2005, p. 173).

No caso da Educação a Distância, a questão se desloca da variação de qualidade gerada pelos aspectos técnicos e metodológicos e foca nos pontos relativos ao conteúdo e às possibilidades que a EaD abre para a disseminação de um espaço público ativo, capaz de pensar e construir conceitos mais humanos ou, pelo menos, mais críticos. Foge-se assim de uma armadilha recorrente, que nos induz a supor que a formação dos alunos será completa e verdadeira apenas porque eles estão incluídos digitalmente, tecnologicamente, ou porque as práticas docentes se adaptaram bem aos novos contextos.

Em sua Teoria da Evolução Social, Habermas (apud Cortina, 1983) afirma que as sociedades não aprendem apenas tecnicamente, mas também moralmente. De muito pouco adiantaria à sociedade atual alcançar a máxima eficiência nos novos processos educacionais, ou atingir, como já é uma realidade, graus elevadíssimos de difusão de informação e conhecimento, se essas novidades não forem utilizadas para se desenvolver moralmente. E aqui não cabe o conceito positivista de desenvolvimento moral, que resulta no contraste ilusório entre os mais e os menos desenvolvidos, mas o conceito da cidadania, segundo o qual o desenvolvimento moral há de ser uma construção comum, pautada nos valores mais caros ao ser humano.

Novas práticas, antigos desafios

A construção colaborativa e democrática que listamos como potencialidade na EaD refere-se a dois aspectos. A expansão do acesso à educação que se dá em função da flexibilidade e dos custos estruturais da EaD; e a possibilidade de que pelo reposicionamento do papel do professor e ausência da hierarquia como fator central, a EaD (e também a modalidade presencial, quando preservadas essas características) viabilize a construção dinâmica e multidirecional do saber. Contudo, é preciso sempre deixar claro que isso não é algo intrínseco à EaD. Se, mesmo usando tecnologias modernas e avançados processos técnicos, o modelo pedagógico for conservador, priorizando informações descontextualizadas e impostas em detrimento de



conhecimentos construídos de forma colaborativa, então esse potencial democratizante e emancipatório não se concretiza.

Muitos criticam a EaD sob alegação de que trata-se de uma estratégia para baratear a educação e facilitar o acesso de diversos nichos de mercado a esse 'serviço'. Tal crítica é válida, mas incompleta e tendenciosa, uma vez que, infelizmente, o mesmo também ocorre com a educação presencial em muitas esferas do ensino. Sabemos que há diversas instituições de ensino sem matrizes curriculares que priorizem a reflexão e a emancipação por meio do conhecimento. O mesmo ocorre na EaD, quando utilizada apenas como mais um mecanismo lucrativo. Os conteúdos são repetidos, repassados mecanicamente aos estudantes, sem que se conheça as especificidades do alunado, sem a preocupação de acompanhar individualmente o crescimento dos estudantes, ou seja, como produto e não como processo. Contudo, é preciso notar que o problema não está na EaD, mas no uso mercadológico que algumas instituições fazem dela.

Quando transformada em mercadoria, a educação reduz-se sobremodo. Seu potencial emancipatório dilui-se em meio a regras e leis; em detrimento do conhecimento, é atribuído valor a informações que, desconectadas, não traduzem o mundo e suas realidades, não contribuem para o crescimento dos indivíduos e da sociedade. Assim, a riqueza dos processos educativos é, então, substituída pela superficialidade da aquisição de um certificado que, tido como um fim em si mesmo, ignora a importância do trajeto percorrido nos - prazerosos, porém longos e, por vezes, árduos - caminhos da aprendizagem. A EaD, quando utilizada com o verdadeiro intuito de educar, no sentido Freiriano de valorização da reflexão e da autonomia, torna-se uma rede eficaz de aprendizagem, que amplia o acesso das oportunidades e redimensiona os processos de construção do conhecimento, tornando-os multi-direcionais e interligados numa rede descentralizada de difusão de saberes, por meio da qual a educação pode se tornar realmente eficaz.

Um outro gargalo diz respeito à formação docente e sua necessária preparação para o trabalho com o novo quadro que se estabelece no âmbito da educação. Independentemente da modalidade, é importante que os profissionais da educação estejam preparados para atuar frente às mudanças que se consolidam na sociedade, a exemplo da inserção das TICs. É fato que atualmente ainda é restrito o acesso às tecnologias interativas de informação e comunicação, principalmente no que tange a sua utilização com fins educativos. Mas isso, até mesmo por questões de mercado, tende a ser superado. A popularização de tecnologias é, em certa medida, viabilizada pelo



próprio processo de produção capitalista. O que significa que, assim como hoje a televisão se tornou acessível à grande parcela da população, nas próximas décadas isso também deve ocorrer com a internet, o ciberespaço e ferramentas de comunicação nele inseridas.

Até hoje há dificuldade de utilização crítica da televisão, rádio e mídias impressas no âmbito escolar. Talvez exatamente pelo fato de que, desde o princípio, a escola os resistiu e não se preocupou em conhecer e adaptar-se às mudanças engendradas a partir desses meios, ou mesmo em encontrar novas estratégias pedagógicas, adequadas à contemporaneidade. Com as novas TICs, esse processo pode ser ainda mais intenso, o que demonstra a urgência de que professores e estudantes compreendam seus papéis mediante as modificações estruturantes que estão em curso.

Um olhar mais próximo: Experiência no Ava

A Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio do Centro Integrado de Aprendizagem em Rede (Ciar), lançou edital, em novembro de 2010, para seleção de candidatos para atuar como orientadores e tutores (professores) no Curso de Especialização em Mídias na Educação. A pós-graduação a distância será conduzida pelos professores da Faculdade de Educação da UFG. Durante o processo seletivo os candidatos participaram de um curso avaliativo no Ambiente Virtual de Aprendizagem (Ava) denominado Moodle, durante os meses de janeiro a março de 2011. A seleção contou com 229 inscrições para 22 vagas.

Como participantes da seleção, duas das autoras deste artigo, Francislanda e Núbia, puderam observar o campo de intersecção e as influências que o fazer comunicativo exerce sobre as novas estruturas educacionais, principalmente no que tange à mediação pedagógica, que “na abordagem do estar junto virtual, se concretiza pelas constantes recriações de estratégias durante a realização de um curso, a partir da interrelação dos materiais, atividades e interações”. (Prado, 2010, p. 02). Durante o curso de formação na plataforma Moodle foi possível observar alguns dos principais entraves à mediação pedagógica, sendo problemas de compreensão da metodologia avaliativa, a desistência de parte do grupo e a dificuldade no uso da linguagem culta e na apropriação da bibliografia indicada.

Muitas vezes, o cursista, embora participasse de todas as atividades, relatava não compreender a metodologia avaliativa de sua tutora e era reiteradas vezes informado sobre a fragilidade de suas participações, uma vez que se observam problemas na apropriação de conteúdo bibliográfico e dos colegas, ou seja se constava o problema do



plágio. Como bem enfatiza Prado, (2010, p.07) as atividades nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) só têm sentido se concretizadas por meio das interações, com os materiais, alunos e professores. O que coaduna com o pensamento de Moran (1998, p 244), para quem a “palavra chave é integrar (...) o mais avançado com as técnicas convencionais, integrar a comunicação pessoal, a interpessoal e a tecnológica, dentro de uma visão pedagógica nova, criativa e aberta”.

Ora, neste caso é visível a dificuldade de interrelação com os materiais indicados para estudo. Percebe-se que o ideal seria a tutora orientar de que a primeira interação deve ocorrer com os materiais, ou seja, o estudante deve dialogar com os autores propostos, apresentando a percepção crítica dos mesmos ou a assimilação de conteúdos, que devem ser postados e referenciados bibliograficamente para que os demais possam participar desta interação. Sobre o processo avaliativo, cabe ao professor deixar claro seus métodos e dar retorno para os cursistas sobre quais aspectos devem ser aprimorados. Demo (1998, in Oliveira 2006, p. 07) define avaliação como “estratégia permanente de sustentação da aprendizagem formal e política do aluno, com base em diagnósticos constantes e capacidade de intervir de maneira educativa”.

Acerca da importância da mediação pedagógica, notou-se que "o fato de o professor observar e entender como o aluno aprende - suas fragilidades conceituais, potencialidades e estratégias de resolução - lhe dá condições para ensinar por meio da criação de situações de aprendizagem que possam ser significativas para o aluno." (Prado, 2010, p. 3) Desta forma, percebe-se ainda a necessidade de reforçar a importância da interação do professor com os cursistas. Percebeu-se também a dificuldade dos alunos em centrar as discussões nas bases bibliográficas oferecidas. Por vezes os cursistas utilizavam os fóruns para contar detalhes da sua vida íntima, utilizavam gírias, linguagem informal e cometiam erros de português. Tais fatos revelam um problema de interação aluno-aluno e aluno-materiais. Isso porque a interação aluno-aluno deve se pautar nas obras discutidas buscando por meio das informações apreendidas a consolidação de conhecimentos, de maneira formal. Isso não quer dizer que o aluno não deva trabalhar sua capacidade de aplicar sua aprendizagem de maneira contínua às suas experiências de vida, mas deve fazê-lo em relação ao material estudado. Para uma educação além do estar no mundo, para a construção permanente do estar com o mundo, no sentido de estar com o outro, compreendendo diferenças para sistematizar informações em conteúdos e assim produzir conhecimento (Freire, 1982).



De maneira geral, percebeu-se a inserção no AVA, moodle, enquanto candidatos/cursistas foi uma ótima metodologia não apenas de seleção, como também de efetiva capacitação para o trabalho ao qual se propõe realizar. Assim, pôde-se vivenciar a experiência de ser um aluno da EaD e perceber, desde os mínimos detalhes, como os mecanismos da plataforma Moodle e as linhas de comunicação que se formam nesse espaço, até as potencialidades da modalidade, bem como algumas dificuldades e/ou limitações passíveis aos estudantes que acompanhar-se-á. Em geral, para além dos entraves para a mediação pedagógica, observou-se o crescimento das discussões nos fóruns. Reconhece-se dentre as melhores características do estudante seja na modalidade a distância ou presencial, autonomia, participação, boa compreensão e produção textual, responsabilidade e pertencimento ao grupo. E, disso depende fundamentalmente a apropriação da comunicação como elemento de construção coletiva de conhecimentos.

Considerações Finais

Quando falamos em Educação a Distância (EaD) trata-se, sobretudo, de uma modalidade educacional mediada por TICs. Porém, o simples uso das tecnologias da informação e comunicação para o ensino, presencial ou não, não garante a construção coletiva de conhecimento. Desta forma, é imprescindível que se proponham mudanças pedagógicas. Isso porque a potencialidade da mediação tecnológica educacional se dará em quebrar os pares transmissão-recepção, sequencia-linearidade, entregue-recebido mudando para dialogicidade-problematização, hipermídia-navegação, movimento-associação. Assim, deve-se discutir o uso das mídias na educação para assegurar que não se percam de vista as finalidades maiores da educação, ou seja, formar o cidadão competente para a vida em sociedade, ampliando suas formas de perceber, de sentir, de compreender, de comunicar-se.

A integração das tecnologias na educação pressupõe novas abordagens que propiciem uma utilização criativa e inovadora. Pois, não basta a aceitação das tecnologias; é preciso criticar as mídias de modo a conhecê-las, por diferentes dimensões e abordagens. Trata-se de reconhecer que o conhecimento, também, está além dos muros da escola. O que requer estudos que busquem a compreensão do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação como aporte para a transmissão e consolidação de conhecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BASTOS, F. P. et al. **Educação mediada por tecnologias educacionais livres: diálogo problematizador necessário à formação de professores no âmbito da universidade aberta do Brasil.** Inter-Ação, Goiânia, v. 35, n. 2, p. 293-303, jul./dez. 2010.

BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-Educação: A Mediação Escolar Indispensável para a Cidadania.** Disponível em: <http://www.comunic.ufsc.br/>

CORTINA, Adela. **Cidadãos do Mundo:** para uma teoria da cidadania. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

DEMO, Pedro. **Questões para a teleeducação.** In Oliveira. Gleyva Maria Simões de. A avaliação no sistema de educação a distância. Cuiabá, NEAD/UFMT, 2006. Disponível em: http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/avaliacao_sistema_ead.pdf. Acesso:20/12/2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** São Paulo: Paz e Terra, 1982

GOMES, Candido Alberto Costa. **A legislação que trata a EAD.**In: Educação a Distância: o estado da arte. LITTO, Fredric M. e FORMIGA, Marcos (orgs.). São Paulo: Perason Education do Brasil, 2009. p.21-27.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1969.

MORAN, Manuel José. **Comunicação e Internet para uma nova educação.** In: Comunicação & Informação, V. 1, n. 2 (jul./dez. 1998). Goiânia: UFG, Facomb, 1998.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **Quem é o aluno virtual?** In:____. O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PRADO, Maria Elizabette Brisola Brito. **A mediação pedagógica: suas relações e interdependências.** Brasília (DF), [SBIE] XVII: 2006 Nov. 08-10. Acesso em: 24/10/10.

OLIVEIRA. Gleyva Maria Simões de. **A avaliação no sistema de educação a distância.** Cuiabá, NEAD/UFMT, 2006. Disponível em:

http://www.uab.ufmt.br/uab/images/artigos_site_uab/avaliacao_sistema_ead.pdf.

Acesso em: 20/12/2010.

PEREIRA, Eva Waisros e MORAES, Raquel de Almeida. **História da educação a distância e os desafios na formação de professores no Brasil.** In.Educação superior a distância: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR) /

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade.** 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho.** 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.